

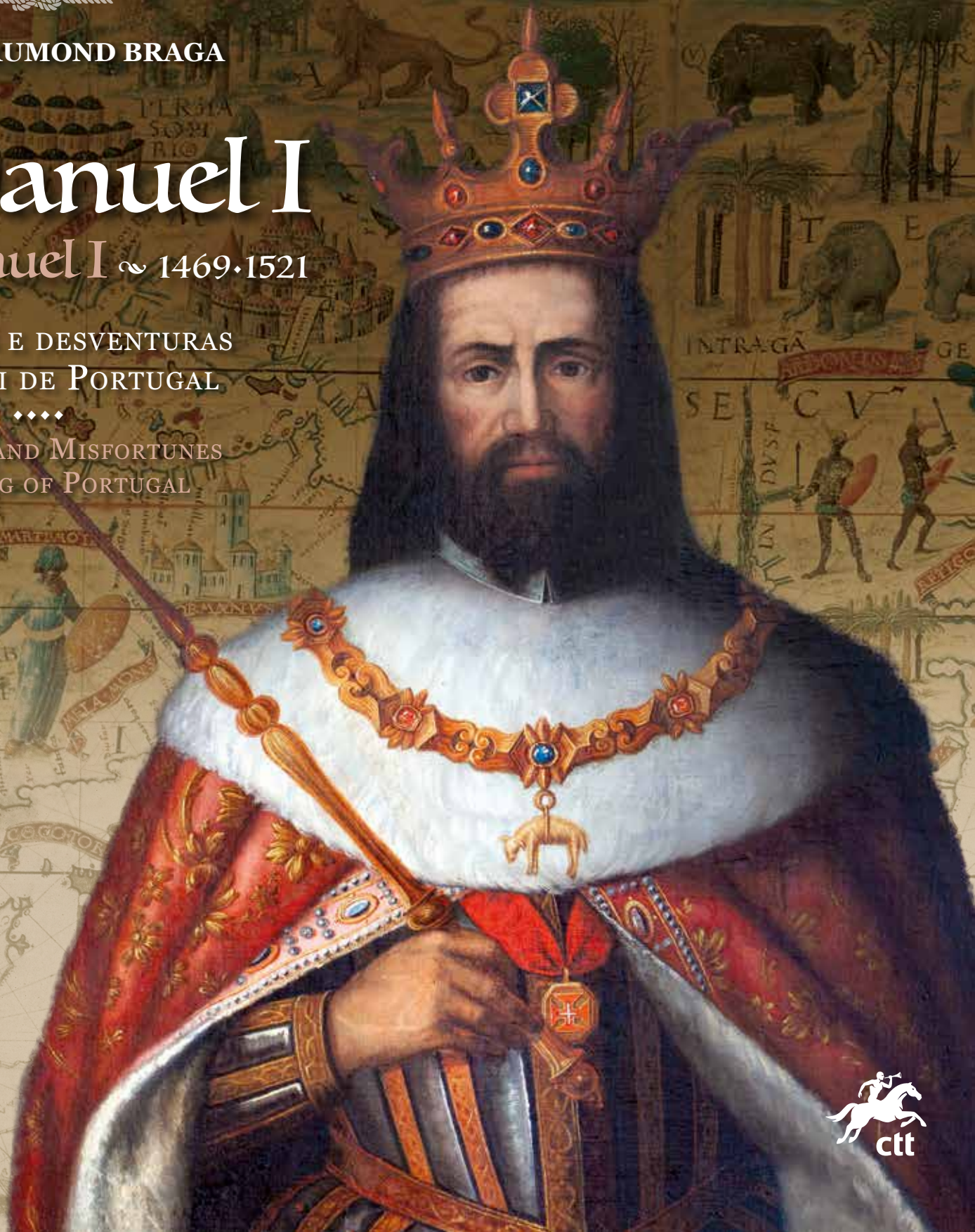
PAULO DRUMOND BRAGA

# D. Manuel I

King Manuel I ~ 1469-1521

VENTURAS E DESVENTURAS  
DE UM REI DE PORTUGAL

♦♦♦♦  
FORTUNES AND MISFORTUNES  
OF A KING OF PORTUGAL





PAULO DRUMOND BRAGA

# D. Manuel I

King Manuel I ~ 1469-1521

VENTURAS E DESVENTURAS  
DE UM REI DE PORTUGAL

♦♦♦  
FORTUNES AND MISFORTUNES  
OF A KING OF PORTUGAL





## Índice

Introdução	<u>11</u> ...
∞ Capit. i <b>Um príncipe na sombra</b>	<u>14·15</u> ...
∞ Capit. ii <b>Um herdeiro inesperado e improvável</b>	<u>42·43</u> ...
∞ Capit. iii <b>Enfim, a Coroa</b>	<u>52·53</u> ...
∞ Capit. iv <b>Unir a Península Ibérica?</b>	<u>64·65</u> ...
∞ Capit. v <b>Perfil de um homem</b>	<u>94·95</u> ...
∞ Capit. vi <b>O sonho imperial</b>	<u>106·107</u> ...
∞ Capit. vii <b>Um governante moderno</b>	<u>136·137</u> ...
∞ Capit. viii <b>O ocaso de um rei</b>	<u>168·169</u> ...
∞ Capit. ix <b>Lisboa, 13 de dezembro de 1521: a hora da morte</b>	<u>182·183</u> ...
Epílogo	<u>192·193</u> ...
Fontes e Bibliografia	<u>196·197</u> ...

## Contents

Introduction	
∞ Chap. i <b>A prince in the shadow</b>	
∞ Chap. ii <b>An unexpected, unlikely heir</b>	
∞ Chap. iii <b>At last, the Crown</b>	
∞ Chap. iv <b>Uniting the Iberian Peninsula?</b>	
∞ Chap. v <b>Profile of a man</b>	
∞ Chap. vi <b>The imperial dream</b>	
∞ Chap. vii <b>A modern ruler</b>	
∞ Chap. viii <b>The twilight of a king</b>	
∞ Chap. ix <b>Lisbon, 13 December 1521: death</b>	
Epilogue	
Sources and Bibliography	



# Começavam as muitas venturas

The many fortunes of the one who would go down  
daquele que ficaria na história  
in history as the Fortunate had begun  
como o Venturoso



## Introdução

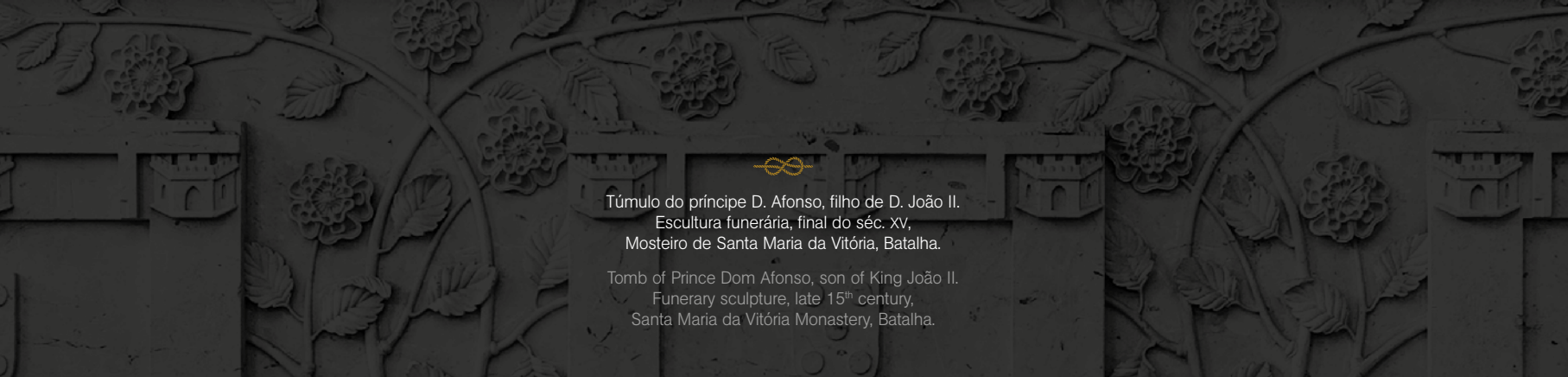
☪ D. MANUEL I (ALCOCHETE, 1 DE JUNHO DE 1469 – LISBOA, 13 DE DEZEMBRO DE 1521), 14.º REI DE PORTUGAL, cognominado *o Venturoso* ou *o Felicíssimo*, era filho de D. Fernando (1433-1470) e de D. Beatriz (1429-1506), infantes de Portugal e duques de Viseu e de Beja. Sobrinho de D. Afonso V (1432-1481) e primo de D. João II (1455-1495), tinha como avô paterno o rei D. Duarte (1391-1438). D. João I (1357-1433) era seu bisavô, quer pelo lado paterno quer pelo materno. Por parte da mãe, descendia ainda do 1.º duque de Bragança, D. Afonso (1377-1461), e do condestável Nuno Álvares Pereira (1360-1431), e, pela mesma via, era primo coirmão de Isabel (1451-1504), *a Católica*, soberana de Castela. Uma das suas irmãs, D. Leonor (1458-1525), foi rainha consorte de Portugal e outra, D. Isabel (1459-1521), tornou-se, pelo casamento, duquesa de Bragança.

D. Manuel I casou três vezes, com Isabel (1470-1498), Maria (1482-1517) – ambas filhas dos Reis Católicos de Castela de Aragão –



## Introduction

KING MANUEL I (ALCOCHETE, 1 JUNE 1469 – LISBON, 13 DECEMBER 1521), THE 14<sup>TH</sup> KING OF PORTUGAL, byname *o Venturoso* or *o Felicíssimo*, the Fortunate, was the son of Dom Fernando (1433-1470) and Dona Beatriz (1429-1506), infantes of Portugal and dukes of Viseu and Beja. He was the nephew of King Afonso V (1432-1481) and cousin of King João II (1455-1495), and his paternal grandfather was King Duarte (1391-1438). King João I (1357-1433) was his great-grandfather, both on his father's side and on his mother's side. On his mother's side, he also descended from the 1<sup>st</sup> Duke of Bragança (Braganza), Dom Afonso (1377-1461), and the Constable, Nuno Álvares Pereira (1360-1431), and he was first cousin of Isabel (Isabella) the Catholic (1451-1504), the sovereign of Castile. One of his sisters, Dona Leonor (1458-1525), was Queen Consort of Portugal and another one, Dona Isabel (1459-1521), became the Duchess of Bragança by marriage.



Túmulo do príncipe D. Afonso, filho de D. João II.  
Escultura funerária, final do séc. XV,  
Mosteiro de Santa Maria da Vitória, Batalha.

Tomb of Prince Dom Afonso, son of King João II.  
Funerary sculpture, late 15<sup>th</sup> century,  
Santa Maria da Vitória Monastery, Batalha.



« É muito coisa para  
espantar, que por  
ele vir herdar seis  
herdeiros faleceram  
os quais todos  
houveram antes  
dele de reinar. »

GARCIA DE RESENDE<sup>56</sup>

« 'Tis a most  
astonishing thing,  
That for him to  
inherit six heirs  
passed away  
and all would have  
been kings before  
his turn. »

GARCIA DE RESENDE<sup>56</sup>



**SANTARÉM, 13 DE JULHO DE 1491.** D. Afonso, herdeiro da Coroa de Portugal, único filho legítimo de D. João II, morreu aos 16 anos, na sequência de uma queda de cavalo na ribeira de Santarém<sup>57</sup>. D. Manuel, que se encontrava em Tomar, juntou-se apressadamente aos pais devastados pela dor. No dizer de Rui de Pina, manifestou o seu pesar, porque «ambos de meninos, em muito amor e concórdia foram juntamente criados, tratados e servidos como próprios irmãos»<sup>58</sup>. A 25 de agosto, achou-se, com outras figuras na corte, nas solenes cerimónias fúnebres do príncipe, realizadas na Batalha<sup>59</sup>.

**SANTARÉM, 13 JULY 1491.** Dom Afonso, heir to the Crown of Portugal, King João II's sole legitimate son, died at 16 after falling off a horse in Ribeira de Santarém<sup>57</sup>. Dom Manuel, who was in Tomar at the time, hurried to join the grief-stricken parents. In Rui de Pina's words, he expressed his regret, as they «both had, since early childhood, in much love and harmony been raised, treated and served together as brothers»<sup>58</sup>. On 25 August, together with other figures of the Court, he attended the Prince's solemn funeral ceremonies at Batalha Convent<sup>59</sup>.

A serious problem had arisen: the succession of King João II, who had no other legitimate sons<sup>60</sup>. One of the possibilities was for him and Dona



Armas de Portugal e de D. Manuel I no livro 1 de Além-Douro da *Leitura Nova*, 1521.

Coats of arms of Portugal and King Manuel I in Book 1 of Além-Douro of *Leitura Nova*, 1521.

ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO, LISBOA.

« D. Manuel,  
por graça de Deus  
rei de Portugal e dos  
Algarves d'aquém e  
d'além-mar em África,  
senhor da Guiné. »

Intitulação régia de 1495 a 1499

« Dom Manuel,  
by the grace of God  
King of Portugal  
and the Algarves  
here and overseas  
in Africa, Lord  
of Guinea. »

Royal title from 1495 to 1499



ALVOR, 25 DE OUTUBRO DE 1495. D. João II morreu aos 40 anos, vitimado por uma doença renal ou envenenado. Em julho, temendo a peste, havia partido de Évora para Alcáçovas. Assinou o testamento, como se viu, a 29 de setembro e rumou, dias depois, a Monchique. A 18 de outubro achava-se em Alvor, onde a sua situação se agravou. Desenganado pelo bispo de Tânger, D. Diogo Ortiz, e pelo prior do Crato, D. Diogo de Almeida, o soberano suspendeu as mezinhas e passou a preocupar-se apenas com a salvação da sua alma. Mandou armar, junto ao leito, um altar com a cruz e um retábulo representando a cena da Crucificação e pediu perdão a todos

ALVOR, 25 OCTOBER 1495. King João II died aged 40, either of a kidney disease or poisoned. He had left Évora to Alcáçovas in July, fearing the plague. As we have seen, he signed his will on 29 September and headed to Monchique a few days later. On 18 October, he was in Alvor, where he became worse. As the Bishop of Tangier, Dom Diogo Ortiz, and the Prior of Crato, Dom Diogo de Almeida, informed him they had given up all hope of his survival, the sovereign stopped taking his remedies and focused solely on the salvation of his soul. He had an altar with the cross and an altarpiece representing the scene of the Crucifixion set up by his bed and asked for forgiveness



D. Isabel, primeira mulher de D. Manuel I, junto a sua mãe, representada na obra *Virgen de los Reyes Catolicos*. Técnica mista em tela, autor anónimo, 1491-1493.

Dona Isabel, Dom Manuel I's first wife, close to her mother, depicted in *Virgen de los Reyes Catolicos*. Mixed technique on canvas, anonymous artist, 1491-1493.

MUSEO NACIONAL DEL PRADO, MADRID.

## « Príncipe se viu de Castela e lá andou. »

Garcia de Resende<sup>89</sup>



REGRESSEMOS AO INÍCIO DO REINADO DE D. MANUEL I. Sendo solteiro, o novo monarca tinha de casar e produzir herdeiros da Coroa. A todos os títulos era preferível que a noiva escolhida fosse filha de um soberano reinante. Como anteriormente se viu, assim que o *Venturoso* subiu ao trono, Fernando de Aragão e Isabel de Castela propuseram-lhe a mão de uma das filhas, D. Maria, então com 14 anos. Mas o rei preferiu a mais velha, D. Isabel, de 26 anos, que já conhecia das terçarias de Moura e do tempo em que a mesma vivera em Portugal como mulher do príncipe D. Afonso<sup>90</sup>.

Porquê esta exigência de D. Manuel I? Teria, no tempo que haviam convivido, desenvolvido sentimentos pela princesa? Teria, por outro lado, desejado possuir tudo o que o destino havia dado e depois tirado ao primo e sobrinho tragicamente desaparecido em 1491, primeiro o trono e depois a mulher? Teria preferido uma princesa que pudesse

## « He became Prince of Castile and he was there. »

Garcia de Resende<sup>89</sup>



LET US GO BACK TO THE BEGINNING OF KING MANUEL I'S REIGN. A single man, the new monarch must get married and produce heirs to the Crown. In all respects, the chosen bride should preferably be the daughter of a ruling sovereign. As we have already seen, as soon as King Manuel I came to the throne, Fernando of Aragon and Isabel of Castile proposed the hand of one of their daughters, Dona Maria, who was 14

at the time. The King preferred to marry their eldest, 26-year-old Dona Isabel, whom he knew from *terçarias* in Moura and from the period in which she lived in Portugal as Prince Dom Afonso's wife<sup>90</sup>.

Why did King Manuel I make this demand? Had he developed feelings for the Princess when they lived together? Did he wish to possess all that



moradamente com Boitaca aspetos relativos à escultura do pórtico lateral dos Jerónimos, achando-se «tão enlevado que não sentia passar o tempo»<sup>172</sup>. Foi um grande amante de história, adorando que lhe lessem excertos das crónicas dos reis de Portugal. Dominava o latim ao ponto de distinguir claramente entre «estilo bom e mau»<sup>173</sup>. Foi também «homem que muito folgou com livros»<sup>174</sup>, sabendo-se algo sobre a sua biblioteca pessoal, em que coexistiam espécies impressas e manuscritas, com relevo para as segundas, cobrindo temáticas desde a literatura religiosa e devocional à teoria política, passando por obras de autores clássicos, romances de cavalaria e livros de viagens. Mas uma parte destes títulos pode ter sido reunida por reis anteriores, nomeadamente D. Duarte e D. Afonso V<sup>175</sup>.

∞

Músicos negros (pormenor), em *Encontro de Santa Úrsula com o Príncipe Conan no Retábulo de Santa Aua*. Óleo sobre madeira de carvalho, atribuído a Garcia Fernandes e Cristóvão de Figueiredo, c. 1520-1525.

Black musicians (detail), from *St Ursula's meeting with Prince Conan in St Aua Altarpiece*. Oil on oak panel, attributed to Garcia Fernandes and Cristóvão de Figueiredo, c. 1520-1525.

MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA, LISBOA



great history lover: he loved being read excerpts from the chronicles of the kings of Portugal. He knew Latin to the point of clearly being able to tell the difference between «good and bad style»<sup>173</sup>. He was also «a man who took a lot of time off with books»<sup>174</sup>: printed and manuscript (mostly manuscript) books coexisted in his personal library, on subjects ranging from religious and devotional literature to political theory to works by classical authors, chivalric romances, and travel books. Some of them may have been collected by previous kings, namely Duarte and Afonso V<sup>175</sup>.

Unsurprisingly, King Manuel I sought to give his children the best education he could find. He hired masters such as lawmaker Luís Teixeira and astronomer and theologian Diego Ortiz de Villegas<sup>176</sup>. This notwithstanding, if a story told in *Ditos Portugueses Dignos de Memória* [*Portuguese Titbits Worth Remembering*] is indeed true, he once applied corporal punishment on his second wedding's firstborn son<sup>177</sup>.

King Manuel I was also deeply committed to acquiring paintings, mostly from Flanders.

∞

Portal ocidental da igreja do Mosteiro de Santa Maria de Belém, Jerónimos, Lisboa (pormenor).

Western portal of the church of Santa Maria de Belém Monastery, Jerónimos, Lisbon (detail).



Sem surpresas, o *Venturoso* procurou que os filhos tivessem uma esmerada educação, contratando-lhes mestres, como o legista Luís Teixeira e o astrónomo e teólogo Diego Ortiz de Villegas<sup>176</sup>. Entretanto, a um outro nível, se é verdadeira a historieta narrada pelos *Ditos Portugueses Dignos de Memória*, chegou um dia ele próprio a aplicar um castigo físico ao primogénito do segundo matrimónio<sup>177</sup>.

Acrescente-se ainda um grande empenho pessoal por parte de D. Manuel I na obtenção de pinturas, salientando-se os incumbes feitos sobretudo na Flandres – sabe-se que chegou a ponderar fazer também uma encomenda a Leonardo da Vinci –, mas igualmente a portugueses ou residentes em Portugal, como Francisco Henriques e Jorge Afonso. E não se esqueça de que possuía a hoje famosíssima *Bíblia dos Jerónimos*, uma verdadeira joia da iluminura, que lhe chegou às mãos antes de cingir a Coroa e que legou à casa religiosa de Belém que lhe deu o nome<sup>178</sup>.

Adorava o luxo e o fausto, que eram bastante visíveis em termos pessoais. Andava sempre «galante e bem vestido do que se prezava tanto que quase todos os dias vestia alguma coisa nova»<sup>179</sup>. Gaspar Correia escreveu que possuía um guarda-roupa em que «tudo era em tanto dobro e abastança que se não podia gastar»<sup>180</sup>. Por outro lado, fez encher as suas residências de um rico conjunto de pinturas murais, alcatifas, razes e tapeçarias, panos bordados e credências<sup>181</sup>, sem esquecer tudo o que se relacionava com o exotismo deste reinado, a que em outra parte deste livro se fará a devida referência.

Damião de Góis esclareceu que D. Manuel I comia muito depressa, mas não deixava de conferenciar com aqueles que tinham a sorte



He is said to have considered commissioning from Leonardo da Vinci, as well as Portuguese or locally based painters such as Francisco Henriques and Jorge Afonso. Last, but not least, he was the owner of the now world-famous *Bíblia dos Jerónimos*, the *Jerónimos Bible*, an illumination masterpiece which came to his possession before he was king, and which he bequeathed to the religious house in Belém after which it was named<sup>178</sup>.

King Manuel I loved luxury and splendour and he liked to show it himself. He was always «gallant and well-dressed, and he enjoyed it so much that he would wear something new almost every day»<sup>179</sup>. Gaspar Correia wrote that his wardrobe was «so rich and abundant that it was without end»<sup>180</sup>. The King also furnished his palaces with rich murals, carpets, hangings and tapestries, embroidered cloths, and credence tables<sup>181</sup>, not to mention the exoticism that was a staple of his reign, which will be duly broached elsewhere in this essay.

According to Damião de Góis, King Manuel I used to eat very quickly, which would not prevent him from conferring with those who were fortunate enough to share his table – typically scholars, foreign visitors or Portuguese subjects who had just returned to the kingdom. He adds: «He ate wisely, and he would always have water and never had any olive oil nor food seasoned with it, and his appetite was so tempered that he barely showed inclination towards a particular dish»<sup>182</sup>. According to a different source, there was one delicacy he was fond of: rabbit legs<sup>183</sup>.



Um dos fólhos da *Bíblia dos Jerónimos*. Ordem de São Jerónimo, Mosteiro de Santa Maria de Belém, livro 67.

A folio from the *Jerónimos Bible*. Order of St Jerome, Santa Maria de Belém Monastery, Book 67.

ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO, LISBOA



*Suposto retrato de Vasco da Gama.*  
Óleo sobre madeira, autor desconhecido, c. 1520.

*Supposed portrait of Vasco da Gama.*  
Oil on wood, unknown artist, c. 1520.

MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA, LISBOA.

Olhemos as várias faces da política expansionista deste reinado. Em dezembro de 1495 ou janeiro do ano seguinte, numa reunião do conselho régio, ocorrida em Montemor-o-Novo, D. Manuel I decidiu, contra o parecer de muitos, manter a decisão de D. João II de enviar uma frota destinada à Índia – recorde-se que a viagem de Bartolomeu Dias (1488) possibilitara a abertura dessa rota oceânica e desde então praticamente se havia interrompido a exploração dos mares – e escolheu para o respetivo comando Vasco da Gama. Este partiu de Lisboa a 8 de julho de 1497, atingiu Calecute a 20 de maio do ano seguinte e regressou em finais de agosto de 1499<sup>187</sup>.



*Chegada de Vasco da Gama a Calicut.*  
Tapeçaria da série «À Maneira de Portugal e da Índia»  
mandada fazer por D. Manuel I, oficinas de Tournai, Bélgica,  
início séc. XVI.

*Vasco da Gama arriving in Calicut.*  
Tapestry from the series «In the Manner of Portugal and  
India» commissioned by King Manuel I, Tournai Workshops,  
Belgium, early 16<sup>th</sup> century.

ACERVO MUSEOLÓGICO DA CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS.





Representação da Índia e do oceano Índico no *Atlas Miller*. Trabalho de cartografia de Lopo Homem e Pedro e Jorge Reinel, ilustrado por António de Holanda, foi mandado fazer por D. Manuel I em 1519.

Representation of India and the Indian Ocean in *Atlas Miller*. Cartographic work by Lopo Homem and Pedro and Jorge Reinel, illustrated by António de Holanda, commissioned by King Manuel I in 1519.



*Retrato de D. Francisco de Almeida*. Técnica mista sobre madeira, autor desconhecido, 1555-1580.

*Portrait of Dom Francisco de Almeida*. Mixed technique on wood, unknown artist, 1555-1580.

MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA, LISBOA.



A euforia foi grande. D. Manuel I mudou a sua intitulação para rei de Portugal e do Algarve d'Aquém e d'Além-Mar em África, Senhor da Guiné, da Conquista, Navegação e Comércio na Etiópia, Arábia, Pérsia e Índia. Usou-a pelo menos a partir de agosto de 1499<sup>188</sup>. É, em si mesma, um programa, como defendeu Luís Filipe Thomaz<sup>189</sup>.

O soberano informou ainda várias cortes europeias da descoberta – iniciando uma prática que depois manteve em relação a outros feitos da expansão portuguesa<sup>190</sup> – e recompensou Vasco da Gama com a dignidade de dom, o condado da Vidigueira, o título de almirante dos mares da Índia e a tença anual de 300 mil reais por ano<sup>191</sup>.

O objetivo de D. Manuel I passou a ser claro: dominar o oceano Índico e derrotar o sultanato mameluco que tinha sede no Cairo e controlava o Mediterrâneo Oriental e o mar Vermelho. Assim, a partir de 1502, novas armadas foram enviadas. D. Francisco de Almeida, vice-rei da Índia de 1505 a 1509, dotou o Índico de uma esquadra permanente e ali estabeleceu o monopólio português.



Let us now look at the different sides of the reign's expansionist policy. In December 1495 or the following January, in a meeting of the Royal Council in Montemor-o-Novo, King Manuel I decided, against many different opinions, to keep King João II's decision to send a fleet to India, an ocean route which had been made possible by Bartolomeu Dias's voyage (1488) – the exploration of the seas had all but stopped since then. Vasco da Gama was chosen to lead it: he left Lisbon on 8 July 1497, reached Calicut on 20 May of the following year, and returned in late August 1499<sup>187</sup>.

There was much excitement. King Manuel I changed his title to King of Portugal and of the Algarve Here and Overseas in Africa, Lord of Guinea, the Conquest, Navigation and Commerce in Ethiopia, Arabia, Persia, and India. He used it at least from August 1499<sup>188</sup>. It is itself a programme, as Luís Filipe Thomaz argues<sup>189</sup>.

The sovereign also informed the other European courts of the discovery – thus starting a practice that he later kept regarding other feats in the Portuguese expansion<sup>190</sup> – and rewarded Vasco da Gama by appointing him with the title of *Dom*, as well as granting him the County of Vidigueira, the title of Admiral of the Seas of India and an annual fee of 300 thousand *reais*<sup>191</sup>.

From then on, the aim of the King was clear: to rule over the Indian Ocean and defeat the Cairo-based Mamluk Sultanate, which controlled the Eastern Mediterranean and the Red Sea. Other fleets were sent from 1502 accordingly. Dom Francisco de Almeida, who was India's



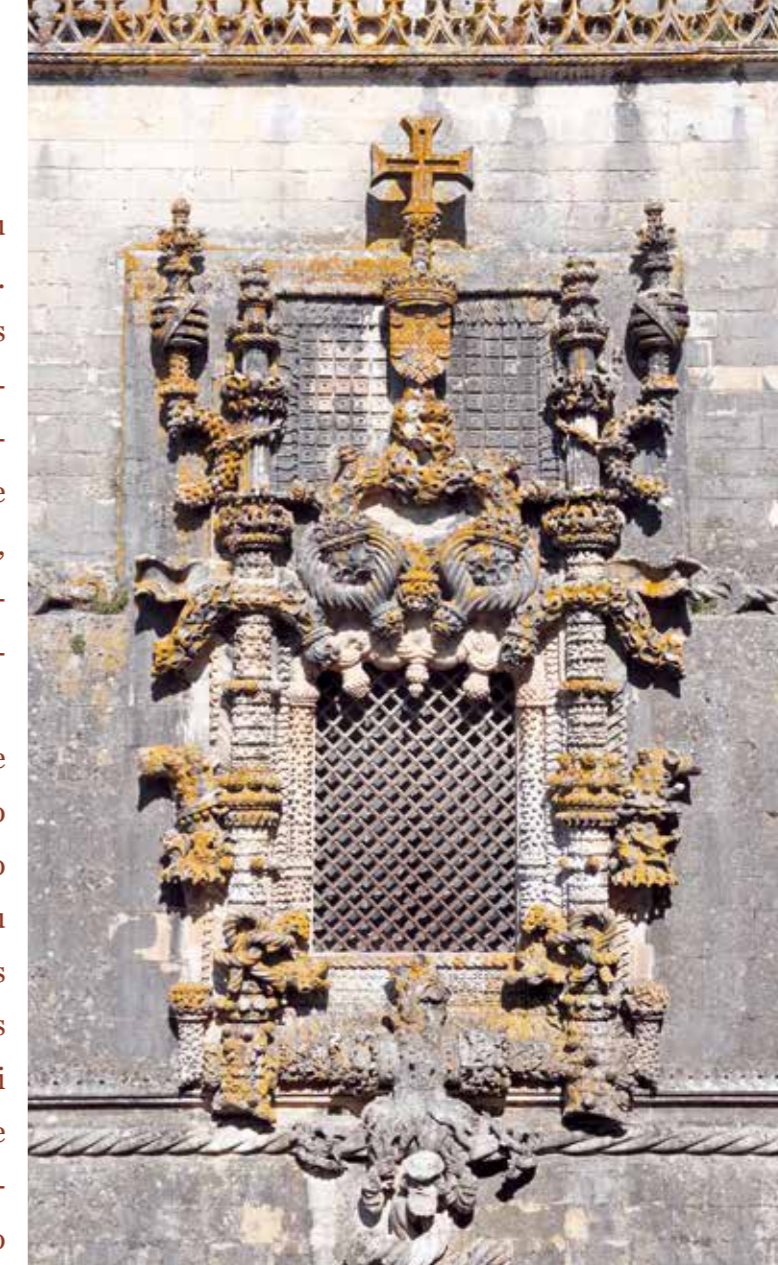
∞

Portal manuelino na Igreja da Conceição Velha, Lisboa. O alto-relevo do portal representa a Virgem da Misericórdia de manto aberto sob o qual se abrigam várias figuras ajoelhadas, entre as quais se destacam D. Manuel I e a sua irmã D. Leonor. A igreja foi sede da primeira Misericórdia, instituída em 1498.

Manueline portal, Conceição Velha Church, Lisbon. The portal's high relief represents the Virgin of Mercy wearing a wide-open cloak, under which several kneeling figures take shelter, namely King Manuel I and his sister Dona Leonor. The church was home to the first Misericórdia, established in 1498.

como Duarte Pacheco Pereira, que lhe chamou César Manuel no seu *Esmeraldo de Situ Orbis*. Ao mesmo tempo, os prelos das diversas cidades europeias iam produzindo *best-sellers* que narravam as venturas do rei de Portugal e dos seus súbditos. Num deles, uma edição de Nuremberga, de 1508, do *Mundus Novus*, de Américo Vespúcio, D. Manuel I – o primeiro rei português que não esteve presente num campo de batalha – foi representado de armadura completa<sup>210</sup>.

Reflexo, pelo menos parcialmente, da euforia e das «novas novidades» – para usarmos a expressão de Garcia de Resende<sup>211</sup> – foi o programa artístico deste reinado. João Paulo Oliveira e Costa lembrou que o soberano «promoveu uma das mais intensas campanhas de construção de edifícios religiosos e laicos de que há memória. A sua intervenção foi suficientemente forte para que o seu nome ficasse ligado inclusive a um estilo arquitetónico – o manuelino. Mais nenhum monarca português é evocado desta forma e só um outro, D. João V, igualmente bafejado por importantes ingressos de ouro, logrou realizar campanha igualmente intensa à escala nacional»<sup>212</sup>. De norte a sul do reino, assim como nos diferentes espaços do agora vasto império ultramarino, foram nascendo, pela ação de homens como Diogo Boitaca, Mateus Fernandes, Diogo e Francisco Arruda, João de Castilho e



∞

Janela manuelina na igreja do Convento de Cristo, Tomar. Diogo de Arruda, c. 1510-1513.

Manueline window in the Church of the Convent of Christ, Tomar. Diogo de Arruda, c. 1510-1513.



Lisboa no século XVI numa iluminura atribuída a António de Holanda, em *Crónica de D. Afonso Henriques*, de Duarte Galvão, c. 1534.

Lisbon in the 16<sup>th</sup> century in an illumination attributed to António de Holanda, from *Chronicle of King Afonso Henriques*, by Duarte Galvão, c. 1534.

em 1527, havia-se tornado, com o *Venturoso*, numa urbe cosmopolita, fervilhante e moderna<sup>260</sup>, uma verdadeira cidade global<sup>261</sup>.

Por outro lado, o *Venturoso* apreciava passar o verão em Sintra, «por ser um dos lugares da Europa mais fresco e alegre para qualquer rei, príncipe e senhor poder nele passar o tal tempo»<sup>262</sup> e onde, compreensivelmente, se preocupou em melhorar o paço real, intervindo, entre 1497 e 1510, em espaços já existentes e mandando erguer de raiz um novo conjunto<sup>263</sup>.

Ao longo do seu reinado, vamos localizando D. Manuel I em estas mais ou menos prolongadas em Alcácer do Sal, Almeirim, Coimbra, Estremoz, Évora, Lisboa, Montemor-o-Novo, Santarém, Setúbal, Sintra e Tomar. Apenas de passagem, com ou sem paragens para pernoita, conheceu várias outras localidades do país, como Aveiro, Porto e Tavira. Mas nunca se deslocou a Trás-os-Montes<sup>264</sup>.

Com o *Venturoso*, seguiu-se uma tendência já notada com D. João II, a complexificação do cerimonial régio e cortesão, com um enorme investimento no espetáculo do poder. Notou-se ainda uma evolução considerável na forma como tudo o que respeitava à realeza era graficamente representado<sup>265</sup>.

É, entretanto, significativo que a iconografia de D. Manuel I se caracterize por alguma pobreza, parecendo que o soberano preferiu ser representado menos figurativa do que simbolicamente. Usando as palavras de Pedro Flor, «aparece quase sempre sob imagem icónica, plena de idealismo, como símbolo do seu poder e da sua majestade. Assistimos, pois, à produção de toda uma simbólica régia que eliminou não só a sua exata efigie em favor do símbolo, como também



That was not all the King did in Lisbon. The High Courts of Justice, overseas government offices and later the Customs House moved to Ribeira as well. King Manuel I ordered Rua Nova dos Mercadores, the main commercial thoroughfare that had been built during the reign of King Dinis<sup>257</sup>, to be paved, and encouraged urban hygiene and sanitation measures<sup>258</sup>. He also ordered the construction on the north bank of the Tagus, between 1515 and 1519, of Torre de São Vicente (aka Torre de Belém), which, together with an older tower on the south bank, Torre Velha de Porto Brandão or de São Sebastião, alongside Caparica, controlled all the ships that entered or set sail from the Port of Lisbon. The Tower of Belém was also used to support the city's sanitation, and customs-related structures<sup>259</sup>. To sum up, under King Manuel I, Lisbon, with a population of nearly 65 thousand people in 1527, had become a bustling, modern, cosmopolitan city<sup>260</sup>, a true global city<sup>261</sup>.

King Manuel I enjoyed spending the summer in Sintra, «one of the coolest, joyful places in Europe for any king, prince and lord to spend that season»<sup>262</sup> and where he understandably wished to improve the royal palace, refurbishing existing spaces and commissioning the construction of a new building between 1497 and 1510<sup>263</sup>.

During his reign, King Manuel I stayed in Alcácer do Sal, Almeirim, Coimbra, Estremoz, Évora, Lisbon, Montemor-o-Novo, Santarém, Setúbal, Sintra and Tomar for longer or shorter periods of time. Merely passing through or staying for the night, he went to several places across





NICO DE LIRA

SUPER EPISTOLAM

INCIPIT EPISTOLA PAULI AD  
HEBREOS. CAPITVLVM. I.

ULTI PHARIE  
MULTIS  
QUOMODIS  
OLMI DEUS  
LOQUENS PA  
TRIBUS IN PRO  
PHETIS NO  
UISSIME DIE  
BUS ISTIS LOCU

tus est nobis in filio: quem constituit herede  
uniuersorum: per quem fecit et secula. Qui  
cum sit splendor glorie & figura substantie  
eius: portansq; omnia uerbo uirtutis sue pur  
gationem peccatorum faciens: sedet ad dex  
teram maiestatis in excelsis: tanto melior an  
gelis effectus: quanto differentius pre illis nome  
hereditauit. Cui enim dixit aliquando an  
gelorum: filius meus es tu: ego hodie genui te.  
Et rursum. Ego ero illi in patrem: & ipse erit  
mihi in filium. Et cum iterum introducat  
primogenitum in orbem terre dicit: Et adoe  
rent eum omnes angeli dei. Et ad angelos  
quidem dicit: Qui facit angelos suos spiritus  
& ministros suos flammam ignis. Ad filium

capum salutis.

Postilla fratris Nicolai de Lyra: super epi  
stolam Pauli ad hebreos: foeliciter incipit  
Capitulum. I.



ULTIPHARIE. &c. Sicut  
predictum est apostolus hanc  
epistolam scripsit aliquibus co  
uersis ad fidem christi: de ui  
daismo uolentibus seruare legalia cu eu  
gelio: quasi non sufficeret ad salutem gratia  
xpi: & ideo in hac epistola ostendit ammen  
tiam noui testamenti respectu ueteris: ostē  
dens q; uetus comparatur ad nouum: sicut  
dispositio ad formam. & sicut imperfectum  
ad perfectum quod euacuatur & cessat ad  
ueniente perfectione: ut dicitur: i. Corint.  
xiii. Diuiditur autem hec epistola in duas  
partes: scilicet in probemum & executionē.  
secunda pars ponitur: ibi Qui cum sit splen  
dor. In prima autem parte proponit excel  
lentiam noui testamenti respectu ueteris ex  
tribus: uidelicet ex tempore: ex legislatore  
ex mox tradendi diuersitate. Differentia  
temporis tangitur in hoc. q; uetus testamen  
tum olim fuit traditum: nouum autem die  
bus istis nouissimis: gratia autem perficit  
naturam: & ideo similis est processus gratie  
sicut & nature suo modo. nunc autem in eo

## Paulo Drumond Braga



Licenciado em História e mestre em História da Idade Média pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e doutor em História, especialidade de História dos Descobrimentos e da Expansão, pela Universidade Nova de Lisboa. É investigador do Instituto Europeu de Ciências da Cultura Padre Manuel Antunes, da Cátedra CIPSH de Estudos Globais (Universidade Aberta) e do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL) (Universidade de Lisboa). É autor de mais de centena e meia de artigos e comunicações a congressos, assim como de 24 livros, nomeadamente *A Inquisição nos Açores* (1997), *A Princesa na Sombra. D. Maria Francisca Benedita (1746-1829)* (2007), *D. Pedro III. O Rei Esquecido* (2013), *A Rainha Discreta. Mariana Vitória de Bourbon* (2014), *Mulheres Deputadas à Assembleia Nacional (1935-1974)* (2015), *Nas Teias de Salazar. D. Duarte Nuno de Bragança entre a Esperança e a Desilusão* (2017), *D. Filipa de Bragança. Lutar pela Restauração da Monarquia no Portugal de Salazar* (2019) e *D. Maria II. Uma Mulher entre a Família e a Política* (2019).



Paulo Drumond Braga holds a degree in History and an MA in Medieval History from Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa. He holds a PhD in History, specialising in History of the Portuguese Discoveries and Expansion, from Universidade Nova de Lisboa. He is a researcher with Instituto Europeu de Ciências da Cultura Padre Manuel Antunes, CIPSH Chair on Global Studies (Universidade Aberta) and CLEPUL – Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Universidade de Lisboa. He has written over 150 articles and papers, as well as 24 books, namely *A Inquisição nos Açores* (1997), *A Princesa na Sombra. D. Maria Francisca Benedita (1746-1829)* (2007), *D. Pedro III. O Rei Esquecido* (2013), *A Rainha Discreta. Mariana Vitória de Bourbon* (2014), *Mulheres Deputadas à Assembleia Nacional (1935-1974)* (2015), *Nas Teias de Salazar. D. Duarte Nuno de Bragança entre a Esperança e a Desilusão* (2017), *D. Filipa de Bragança. Lutar pela Restauração da Monarquia no Portugal de Salazar* (2019) and *D. Maria II. Uma Mulher entre a Família e a Política* (2019).